



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

A velhice e a segregação social¹

Old age and social segregation

Larissa Sasso Bernardi²

¹Pesquisa desenvolvida na disciplina Seminário de Pesquisa em Psicologia, do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ

²Aluna do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ, Larissa.sasso10@outlook.com

Resumo

Ao pensarmos acerca do tema e sua relevância, nota-se que a velhice se faz e refaz, sendo modificada conforme o mal-estar na cultura de cada época. Com isso, os efeitos dessa mudança implicam necessariamente no sujeito velho. Assim, a velhice também seria um efeito de discurso. Nesse sentido, o velho socialmente é como um reflexo para os mais jovens, pois recai sobre eles a imortalidade imaginária, por isso tenta-se excluir a velhice. Por esse viés, se propõe pesquisar bibliograficamente a respeito do sujeito velho e suas implicações com o social.

Palavras-chave: Velhice; segregação; social

Introdução

Ao nos questionarmos sobre a temática, somos direcionados ao campo do social e quais são os efeitos da exclusão que se direcionam ao sujeito velho. Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de propor o início de uma discussão a respeito da velhice segregada e o social. Com quais efeitos subjetivos o velho apresenta no mundo pós-moderno, e como essa pós-modernidade exige o que não se tem, para esse público.

Metodologia

A pesquisa a ser desenvolvida consistirá em uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa do tipo descritiva. Conforme Gil (2002, p.44) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Nesse sentido o estudo será fundamentado na literatura



psicanalítica, com suporte de obras no campo da sociologia, incluindo livros, publicações periódicas digitais, e monografias acadêmicas, relevantes à temática. Outrossim, a pesquisa descritiva segundo Gil (2002, p.42) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” Assim sendo, será uma análise a respeito do sujeito velho, além de, quais são os efeitos subjetivos que a exclusão do âmbito social produz nesse sujeito.

Resultados e Discussões

As principais leituras que permeiam esse campo que trarei na escrita, são os livros da Mucida (2006), Goffman (2010) e Beauvoir (2018), e publicações periódicas digitais. Com o livro de Mucida (2006), podemos elencar muitos pontos importantes para ser estudado nesse campo da velhice, separados por muitos bons capítulos que abordam diferentes perspectivas. Primeiro ponto que considerei importante nessa leitura é que Mucida (2006) caracteriza que o sujeito não envelhece, o sujeito do inconsciente, o atemporal, com isso quebra o paradigma de que velho não possui mais desejo, mas sim, somente mudam as formas objetais, o desejo ainda circula e movimenta. Segundo ponto, ela traz a velhice no mal-estar da cultura, colocando a ideia de segregação asilar como uma forma de exclusão do semelhante, pois é essa imagem de semelhante que mostra o insuportável que quero deixar irreconhecível. Além de na cultura capitalista o velho ser colocado de lado, pois não tem a capacidade de trabalhar, ou seja, não se tem mais lucro com esse sujeito, por isso o bane socialmente.

Se tratando do livro do Goffman (2010), o escrito aborda as instituições, tanto públicas e privadas, trabalhando primeiro como elas funcionam, suas regras de funcionamento e diretrizes, horários de almoço, janta e café, dia-a-dia, atividades em conjunto, em segundo o mundo do internado, como é sentido para ele estar em uma instituição total muitas vezes como uma forma de violência para o eu, pela barreira que a instituição total coloca do internado para o mundo externo. e por terceiro o mundo dos dirigentes, como é a relação dos dirigentes e os internados, e como isso diz do andamento da instituição, suas questões burocráticas relacionadas com o internado.



O livro de Beauvoir (2018), trabalha um pouco na primeira parte, a biologia e a velhice, e como a velhice era nas sociedades antes, para como está sendo agora. No segundo momento, escreve sobre a velhice e sua vivência com o corpo, modificações, descobertas, lutos e a velhice no seu cotidiano.

Esses livros vão orientar a escrita, pois ambos abordam assuntos que se interligam com o tema a ser tratado, tanto como falar do lar do idoso que é uma instituição o qual o livro do Goffman (2010) tem muita produção, assim como o da Mucida (2006) e da Beauvoir (2018) que trabalham a velhice mediada no social, e também como esse sujeito é visto através dela, além de conceituar o que é velhice, e o que não envelhece. São aspectos que vão caracterizando o sujeito velho e suas diferentes formas de envelhecer e ressignificar esse processo.

Uma das questões que surgem quando se pensa no trabalho com idosos, é a questão do envelhecimento e de uma parte deste processo que se chama velhice. Nesse sentido, o processo terapêutico da escuta feita pelo psicólogo a um idoso, coloca em uma posição frente ao mundo. O posicionamento desse psicólogo fará com que o idoso se movimente, movimento este que o instiga a recordar, repetir e elaborar suas questões. Assim possibilita que o sujeito invista em novos objetos, ao mesmo tempo em que simboliza a perda de seus pares, lide com o fracasso de negar a castração, negar sua degradação do corpo, a de sua imagem.

São processos que caminham em um tempo lógico, tempo do inconsciente. Além de existirem defesas do sujeito frente a algo que é novo, na maneira de se preservar, tenta-se negar, destituir aquele outro que lhe devolve a imagem de velho.

Se cobre do imaginário, aquele que o diz ainda jovem, mas recai ao real quando não consegue realizar o idealizado por ele, simplesmente pelo corpo desgastado, pela incapacidade de investir no mesmo objeto libidinal.

São esses movimentos que tentar negar sua castração, negar a velhice. Mas ao mesmo tempo, são esses movimentos que abrem espaço aos poucos, para uma possível simbolização de algo novo, na medida que o sujeito se desvencilha de suas defesas, direciona para possíveis roupagens objetais de investimento.



Assim se vive a velhice, no descompasso de lembranças, perdas, de novas fontes de objetos, de um sujeito marcado pelo tempo e pelo social, mas que insiste em ser novo, novo de conceito, história e afetos.

A velhice é atravessada por diferentes conceitos, e maneiras de classificar-se quando se fica velho. Nesse sentido, “É que o sujeito vê seu envelhecimento, diríamos sua velhice, pelo olhar do outro ou ele se vê velho pela imagem que o outro lhe devolve.” (MUCIDA, 2006, p.27). Assim, a velhice não é algo palpável, que se sabe quando fica velho, pois o outro apenas envelhece, e é com ele que a velhice chega e se pode vê-la através do reflexo.

Com isso podemos pensar que o sujeito envelhece a sua forma, no seu tempo, na sua singularidade. Assim “Cada um envelhece apenas do seu próprio modo, e não existe uma velhice natural, mesmo que exista um corpo e uma pessoa que se torna mais idosa.” (MUCIDA, 2006, p.40). Podemos pensar com isso, que o sujeito envelhece conforme a forma determinada de gozar que lhe é própria, por isso não se define uma idade cronológica para a velhice, pois ela é lógica.

Compreendendo que a velhice está à mercê da sociedade e das instituições, sendo cada vez mais segregada. “As instituições asilares tradicionais, persiste, nos dois casos, a mesma prática do apagamento das diferenças; mesma comida, horários predeterminados para refeições, banhos e outras atividades.” (MUCIDA, 2006, p.86). Essa tentativa de igualdade, para melhor funcionamento, acaba fazendo com que o sujeito tente se adaptar ao grupo, alguns ficam no silêncio, outros se juntam ao grupo, e outros contestam as atividades. Na luta por tentar manter seus traços, suas histórias e vivências lá fora, pois é isso que o conceitua o que é a tentativa para se “adequar” as novas formas de vida, implica em uma perda de seu próprio desejo.

Na sociedade o velho também é excluído, por isso muitos são direcionados a lar do idoso. Os banem devido a não lucrarem mais, não acompanharem a rapidez que o mundo exige, além de, o velho mostrar socialmente o futuro dos jovens, aquele irreconhecível, negacionista, por isso se excluí o semelhante pois ele é o que sou.

Nesse viés, a velhice é sempre carregada de significantes de ordem negativa, sempre se associando ao que não serve, ao que está velho, e inclusive ao que não pode



mais demandar nada que seja da ordem de sua própria vontade, tendo que se sujeitar as demandas de outros. De uma posição de objeto, não mais de sujeito do seu próprio desejo. Com isso, impossibilita o sujeito de novos investimentos.

Marcado como dependente o institucionaliza, pois, socialmente como excluído só lhe resta a saída pelo sintoma, aquilo que lhe é próprio.

Analisando como as instituições possuem um sintoma de fechamento para o mundo externo, Goffman escreve que “Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo toda instituição tem tendências de “fechamento.” (GOFFMAN, 2010, p.16). Isso quer dizer, restrições em relação a saídas dos internados, com as portas fechadas, ou alguém cuidando a saída, mantendo assim todos fora do mundo externo.

Outrossim, as instituições, o idoso e a sociedade vivem em relação, pois, não se pode excluir totalmente suas vivências no mundo externo, tenta-se amenizar as diferenças com a rotina, mas o traço mais singular de cada sujeito permanece, o sintoma. É somente o sintoma que consegue fazer furo na segregação, pois a velhice sendo um significante só pode ser analisada a partir da construção de cada sujeito, então resta somente o particular de cada um.

Conclusão

Concluimos que a relação do sujeito é fundamental para o desenvolvimento psíquico, com isso, evidencia o quão se torna deficitário para o sujeito não obter mais um contato social. Neste processo, o sujeito sendo um ser social, necessita que aconteça o pertencimento do mesmo, visto que, a exclusão desta população deriva de um mal-estar social pós-moderno. Com isso, a cultura assim como exclui, ela acolhe. Outrossim, há possibilidades de se dialogar com os idosos sobre esse mal-estar, na tentativa de reconhecê-los como também pertencentes ao social.

Referências Bibliográficas

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed – São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**; tradução Dante Moreira Leite – 8. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2010. – (Debates; 91/ dirigida por J.Guinsburg).

MUCIDA, Ângela. **O Sujeito não envelhece** – Psicanálise e velhice – 2. ed. – Belo Horizonte: Autentica, 2006.